



RELICI

FEMINISMO EM CENA: ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DAS ONDAS FEMINISTAS EM DOCUMENTÁRIOS¹

João Henriques de Sousa Júnior²

Laís Mota Plácido³

Samantha Barbosa Cordeiro⁴

RESUMO

O movimento feminista, como todo movimento social, está em constante construção e transformação. Dessa forma, até hoje, foram identificadas, na literatura acadêmica, três grandes ondas, amplamente denominadas de: sufrágismo, revolução sexual e pós-feminismo. Dessa forma, este estudo busca fazer, inicialmente, uma revisão de literatura para melhor compreender cada uma dessas ondas e, posteriormente, faz-se uma análise do conteúdo de dois documentários feministas, “*Embrace*” e “*Miss Representation*”, de modo a se identificar os aspectos do movimento que são apresentados. As análises constataam que ambos os documentários fazem referências ao movimento feminista pós-sufrágismo, ou seja, segunda e terceira ondas, apresentando questões como a luta contra a objetificação e sexualização do corpo feminino, bem como a inclusão dos mais variados tipos de corpos, raças e gêneros dentro do movimento.

Palavras-chave: Movimento feminista; Feminismo; Documentários; Corpo feminino; Inclusão.

ABSTRACT

The feminist movement, like every social movement, is in constant construction and transformation. Thus, to date, three major waves have been identified in the academic literature, widely denominated: suffragism, sexual revolution and post-feminism. In this way, this study seeks to do a literature review to better understand each of these waves and, later, an analysis of the contents of two feminist documentaries, "Embrace" and "Miss Representation", is done in order to identify the aspects of movement that are presented. The analysis shows that both

¹ Recebido em 28/04/2019.

² Universidade Federal de Santa Catarina. sousajunioreu@hotmail.com

³ Universidade Federal do Paraná. laismplacido@gmail.com

⁴ Universidade do Vale do Itajai. samanthamkt@gmail.com



RELICI

130

documentaries make reference to the post-suffragism feminist movement, that is, second and third waves, presenting questions such as the struggle against objectification and sexualization of the female body, as well as the inclusion of the most varied types of bodies, races and genres within the movement.

Keywords: Feminist movement; Feminism; Documentary; Feminine body; Inclusion.

INTRODUÇÃO

A mulher tem ocupado papel de destaque nos debates sociais nos últimos anos. Seja pela luta por igualdade de direitos, resistência, ou sororidade, o fato é que o machismo enraizado na sociedade tem sido fortemente combatido no cenário social com o movimento feminista. Assim, o feminismo vem tomando as ruas e as redes sociais virtuais, ganhando adeptas e apoio no Brasil e no mundo.

Torres e Fochi (2016) enfatizam que, assim como qualquer outro movimento social, o movimento feminista constitui-se de um processo em constante construção e transformação, sendo perceptível o quanto, durante sua existência, tem influenciado mudanças diretas na evolução da sociedade como um todo. Ainda segundo tais autores, este movimento passou do *status* de unificado à uma demanda popular cada vez maior, tendo encontrado força de disseminação principalmente nas redes sociais virtuais, onde também se encontra a liberdade necessária para fazer-se compreender, ainda que aos poucos.

Conforme Nogueira (2001), o movimento feminista pode ser definido como um movimento social em prol da equiparação dos sexos quanto ao exercício de direitos civis e políticos. Assim, identificam-se três fases dentro do movimento:

a primeira se situa na metade do século XIX, tendo como principal reivindicação o direito ao voto (sufragismo); a segunda se associa aos movimentos pós-segunda guerra, com o slogan: “O que é que os homens fazem que as mulheres não possam fazer?” e a terceira e atual, também chamada de pós-feminismo, caracterizada pelo *Blacklash* – movimento reacionário contra o próprio feminismo (COELHO, 2016, p. 217).



RELICI

Miguel e Biroli (2014) afirmam que o feminismo se opõe às disparidades sociais que oprimem particularmente as mulheres e reivindica direitos para elas por meio dos mais diversos enfrentamentos.

Para Louro (1997), durante diversos momentos da história, é possível observar diversas ações, isoladas ou coletivas, dirigidas contra a opressão das mulheres. Mais recentemente, essa observação se tornou mais perceptível nas retratações artísticas a partir de publicações e filmes, por exemplo.

Nesse sentido, este trabalho objetiva fazer uma análise do conteúdo apresentado em dois documentários feministas, de modo a identificar fatores característicos, principalmente, da terceira e quarta ondas do feminismo.

É necessário, neste ponto, destacar que, apesar da compreensão de suas múltiplas abordagens teóricas e práticas, optou-se, nesta pesquisa, pela utilização do termo “feminismo” no singular e não no plural, como o fazem outros autores e pesquisadores do movimento.

REVISÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentar-se-ão, de maneira mais detalhada em cada tópico, as ondas do movimento feminista, desde o pré-feminismo até a quarta onda, ou pós-feminismo.

Pré-feminismo e a primeira onda

A luta das mulheres para serem equiparadas aos homens no que diz respeito a questões como acesso à educação, participação em tomadas de decisão políticas, mercado de trabalho, entre outros teve início oficialmente na primeira onda do movimento feminista, no início do século XIX. As sociedades que nutriram as diferenças de poder e submissão entre homens e mulheres datam muito antes deste episódio.



RELICI

Segundo Alves e Moreira (1985), tanto na Grécia antiga quanto na civilização romana, as mulheres já eram consideradas menos do que o homem.

Durante os primeiros séculos da Idade Média, as mulheres gozavam de alguns direitos, garantidos pela lei e pelos costumes. Assim, quase todas as profissões eram-lhes acessíveis, bem como o direito de propriedade e sucessão. No que se refere à atuação política, há exemplos de mulheres da burguesia participando de assembleias, com direito a voto.

Conforme Alves e Moreira (1985), a imagem cultivada da mulher à época nada condizia com a realidade feminina do início da Idade Média. O dia-a-dia participativo no mercado de trabalho tampouco trazia sua ascensão social. Era quase como uma tentativa de apagar a característica trabalhadora e independente da mulher.

Além disso, ainda sobre a posição da mulher na Idade Média, houve um episódio histórico apoiado pela Igreja e pela comunidade científica denominado “caça às bruxas”. Para Alves e Moreira (1985), existe nessa perseguição um elemento claro de luta pela manutenção de uma posição de poder por parte do homem: a mulher tida como bruxa, supostamente possuiria conhecimentos que lhe confeririam espaços de atuação que escapavam ao domínio masculino.

Por fim, ainda segundo as autoras, no período Renascentista, houve um significativo retrocesso no que diz respeito ao espaço da mulher na sociedade. Aí surge a crença de que as mulheres não devem trabalhar. Ao mesmo tempo, as escolas públicas e particulares ganham espaço em toda a Europa. Muitas vezes deixando as mulheres de fora, ou ainda adaptando o conteúdo aprendido para as meninas, as quais eram ensinadas apenas ofícios domésticos. Tendo em vista esse cenário, no final do século XIX, surge a primeira onda do feminismo (ALVES; MOREIRA, 1985).



RELICI

De acordo com Louro (1997), a chamada primeira onda do feminismo aconteceu quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto.

Segundo a autora, o movimento foi primeiramente conhecido como “sufragismo”, posteriormente como a “primeira onda” do feminismo e ampliou-se por vários países ocidentais com o intuito de atender as reivindicações das mulheres brancas e de classe média (LOURO, 1997).

Para Narvaz e Koller (2006), o objetivo do movimento feminista, nessa época, era a luta contra a discriminação das mulheres e pela garantia de direitos, inclusive do direito ao voto. Uma de suas pautas era também a denúncia da opressão à mulher imposta pelo patriarcado.

De acordo com Pinto (2010), este feminismo inicial, tanto na Europa e nos Estados Unidos como no Brasil, perdeu força a partir da década de 1930 e só aparecerá novamente, com importância, na década de 1960. No decorrer destes trinta anos um livro marcará as mulheres e será fundamental para a nova onda do feminismo: “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, publicado pela primeira vez em 1949. Nele, Beauvoir estabelece uma das máximas do feminismo: “não se nasce mulher, se torna mulher”.

Segunda onda do feminismo

Após garantir o direito de voto e acesso a oportunidades educacionais e de emprego básicas na primeira onda, as feministas voltaram a se organizar em um novo movimento de libertação das mulheres por volta dos anos 60. Dessa vez, no entanto, as questões-chave foram a integridade corporal e o aborto, bem como a construção social do gênero (GANDHI, 2016).

Na década de 70 uma proliferação de novos estudos feministas surgiu cruzando fronteiras disciplinares, questionando paradigmas existentes e defendendo



RELICI

a atenção às mulheres, às relações de gênero e às dinâmicas de poder, exploração e subordinação (RODRIGUES; COSTA, 2010). Foi a teoria feminista radical das décadas de 70 e 80 que documentou e ajudou a moldar a chamada "revolução sexual", que pode ter começado na década de 60 com o "amor livre".

As feministas da segunda onda são descritas como mulheres rebeldes do coração e da mente que chegaram às academias nos anos 70 opondo-se à mesquinhez institucional do patriarcado e sua reprodução fiel das injustiças e desigualdades sociais. As variadas expressões de violência, como espancamento, abuso, incesto, estupro e pornografia, passavam a ser reveladas por feministas que tentavam abrir um diálogo sobre comportamentos que antes eram dados como certos, escondidos, desculpados e até mesmo debochados (RODRIGUES; COSTA, 2010).

A segunda onda de ativistas dos direitos das mulheres eram mulheres com formação universitária que estavam especialmente conscientes da necessidade de expandir as fronteiras, os temas e os objetivos do conhecimento histórico (RODRIGUES; COSTA, 2010; GANDHI, 2016). Segundo Rodrigues e Costa (2010), elas buscavam criar uma nova história que considerasse a visão da mulher no lugar do convencional conhecimento construído com base na visão masculina.

Dentre as principais discussões do feminismo da época estavam a história do controle de natalidade, ressaltada pela experiência médica e científica dominada pelos homens que regem o corpo das mulheres (RODRIGUES; COSTA, 2010). De acordo com a autora, a história do corpo e da reprodução foi muitas vezes transmitida através das lentes da diferença sexual, e as mulheres também podem ser escaladas como vítimas do poder médico masculino. Saffioti (2001) concorda que a reprodução foi um foco central durante o feminismo da segunda onda, pois mulheres afirmavam ter o direito de controlar seus corpos e suas funções.



RELICI

Para Rodrigues e Costa (2010), os papéis femininos eram definidos por ideologias patriarcais e masculinas que sustentavam a imagem das mulheres como mais fracas, dependentes e subordinadas. Neste contexto o patriarcado foi identificado como uma raiz da opressão das mulheres e o foco central das teorias feministas era descobrir a natureza e a extensão da dominação masculina (SAFFIOTI, 2001). A autoria aponta que as mulheres desta época

“identificaram o patriarcado como o poder difundido dos homens sobre as mulheres, condenaram a violência dos homens contra as mulheres, reivindicaram o controle das mulheres sobre seus próprios corpos e destacaram a natureza política dos atos dentro da esfera privada” (SAFFIOTI, 2001, p. 116).

Corroborando com esta linha de pensamento, Rodrigues e Costa (2010) apontam que os fatores que contribuíram para a repressão sexual das mulheres foram a Igreja, a educação de gênero, uma ordem social capitalista, a exaltação da propriedade privada e a exploração das classes trabalhadoras.

Dentro desta esfera, "o pessoal é político" tornou-se um grito das feministas da segunda onda, desafiando a separação entre a esfera do trabalho público (masculino) e a esfera privada (feminina) (SAFFIOTI, 2001). Os temas mais contínuos e dominantes desta onda foram histórias de organização de mulheres focadas especialmente em mulheres pobres e trabalhadoras, lutas legais, diferenças de classe e imperialismo (RODRIGUES; COSTA, 2010).

Essa segunda onda sofreu fraturas e divisões ao longo da raça, classe e ideologia; com algumas mulheres se identificando com feminismo liberal e outras com feminismo radical (GANDHI, 2016; RODRIGUES; COSTA, 2010). De acordo com a autora, as feministas liberais tendiam a basear-se nas experiências de mulheres de classe média, educadas e brancas, criticando “padrões de socialização de gênero” e defendendo o aumento da representação em instituições públicas (GANDHI, 2016). Já as feministas mais “*The more radical feminism*”, que surgiram dos movimentos antiguerra, lésbicas e gays e dos direitos civis, tendiam a se



RELICI

concentrar na "conscientização" enquanto criticavam o patriarcado, o poder e as instituições públicas (GANDHI, 2016).

As feministas radicais começaram o que mais tarde seria chamado de "guerras de gênero", porque declarava todos os homens maus e depravados por natureza. A teoria radical culpa a opressão das mulheres por normas culturais centradas nas diferenças biológicas especificamente porque ela é constante ao longo do tempo e da cultura.

O movimento das mulheres na segunda onda tem pelo menos três ramos: em primeiramente, há aqueles principalmente preocupados com os direitos humanos em um ambiente industrial desigual; em segundo, há aqueles que acreditam que as mulheres devem lutar por si mesmas e que não defendem uma sociedade mais igualitária como um todo, mas uma de igualdade de direitos com os homens; em terceiro, há aqueles que estão preocupados principalmente com a integridade, autoconfiança e consciência interna das mulheres como pessoas.

Algumas críticas ao essencialismo e universalismo dessa onda são tecidas por Rodrigues e Costa (2010) que apontam algumas reflexões históricas que caracterizam negativamente o movimento como feminismo majoritariamente branco, racista e classista. Para alguns pensadores da época, o feminismo da segunda onda começou como um grupo de mulheres urbanas brancas de classe média e, até recentemente, as feministas não consideravam racismo, conflito de classes e homofobia (RODRIGUES; COSTA, 2010).

Saffioti (2001) indica que assim como no feminismo da primeira onda, as questões e o trabalho das mulheres de cor eram frequentemente ignorados, negligenciados ou relegados às margens das atividades do movimento e da teorização *mainstream*. Certamente havia lacunas significativas na compreensão feminista da opressão: o racismo e a escravidão raramente eram historicizados e não se explorava o fato de que as mulheres vivenciaram violência de forma



RELICI

diferente, baseada em classe e raça, ou que o racismo pode ser integrado em teorias sobre violência (RODRIGUES; COSTA, 2010).

As lésbicas também ficaram de fora nessa luta e seus problemas eram comumente desacreditados como distrações das principais questões (SAFFIOTI, 2001). Concordando com esse cenário, Rodrigues e Costa (2010) reforçam que se as feministas na época eram autocríticas a história lésbica lhes passou despercebida com o privilégio heterossexual deixado incontestado.

Terceira e quarta ondas do feminismo

O avançar do movimento feminista fez surgir um novo momento dentro do movimento com pautas mais ligadas à compreensão das diversidades e especificidades de cada mulher. À esse momento foi dado o nome de “pós-feminismo” e compreende o que é denominado de terceira onda do feminismo.

Não há uma precisão quanto ao início da terceira onda feminista no mundo, para alguns autores (GAMBLE, 1999; AMARAL; MACEDO, 2005; COELHO, 2016) a gênese do pós-feminismo situa-se no fim dos anos 1960, na França; outros, por sua vez, apontam que esta terceira onda se deu a partir da década de 1980 (COSTA, 2009; LUZ, 2012; VIEIRA; SOUZA; BURATTO, 2018); enquanto alguns, por fim, apontam a década de 1990 como sendo o ponto de partida deste terceiro momento (STIVAL; MARTINS, 2016; PEDRO, 2017; MACHADO, 2018; MACIEL; SILVA NETO, 2018).

Embora o caráter temporal não seja consenso, é unânime a afirmação de que a terceira onda feminista, também denominada de “pós-feminismo” ou “novo feminismo”, caracteriza-se por reconhecer as pluralidades femininas, sendo marcada, principalmente, pela questão da desconstrução do conceito de gênero e recusa do essencialismo (COSTA, 2009; RIBEIRO; O'DWYER; HEILBORN, 2018). Pedro (2017) afirma que este momento do movimento feminista apresenta um



RELICI

discurso voltado a tentar corrigir as lacunas nas ondas anteriores, criticando uma linearidade e apresentando maior questionamento e reflexão acerca dos temas em pauta.

Neste pensamento, Krolokke e Sorensen (2006), Tong (2009) e Stival e Martins (2016), indicam a terceira onda feminista como um apanhado de várias correntes, criticando severamente o que era apresentado como feminismo como sendo algo eurocêntrico, branco e burguês, manifestando agora um sentimento de *girl power* (poder feminino), em que busca-se a evolução e a revolução visando firmar alianças globais entre negras, latinas, transexuais, lésbicas, e feministas subalternas, em que todas essas “novas garotas” possam herdar um mundo menos desigual e manifestarem-se contra os resquícios do patriarcado que ainda tem fortes raízes na sociedade contemporânea, levantando bandeiras contra a cultura do estupro, a gordofobia, o assédio sexual, os padrões de beleza, o racismo, entre outros.

Esse mesmo apontamento já havia sido levantado por Gamble (1999), ao afirmar que a ideia da terceira onda do feminismo vem como uma libertação das farsas ideológicas esperançosas dos movimentos feministas ultrapassados. Maciel e Silva Neto (2018) retomam este pensamento ao afirmar que o surgimento da terceira onda se deu da necessidade de inúmeras feministas negras que buscavam ser ouvidas e expressar suas lutas dentro do movimento que, até a segunda onda, apenas tratava da experiência de mulheres brancas e de classe média alta – como se os demais tipos de mulheres não sofressem com o machismo.

Dessa forma, Amaral e Macedo (2005) afirmam que o discurso desta terceira onda se assemelha em muito com o discurso pós-modernista, pois ambos tratam da desconstrução e desestabilização da ideia de que gênero é algo fixo e imutável, além de pregarem temas de aceitação de diferenças e liberdade. Essa



RELICI

desconstrução de rótulos e eliminação de arquétipos e padrões baseados em gêneros é o que Maciel e Silva Neto (2018) apresentam como teoria *queer*.

Carvalho (2012), com base na *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, argumenta que o movimento do pós-feminismo “rejeita argumentos de privilégio epistêmico, enfatizando a contingência e a instabilidade das identidades dos sujeitos cognoscentes e, portanto, suas representações” (CARVALHO, 2012, p. 5). Não o bastante, ainda ressalta que esse pensamento pós-modernista

contesta a ideologia sexista de uma natureza ou essência feminina, postulando que o gênero é socialmente ou discursivamente construído (...); oferece uma crítica interna ao conceito de ‘mulher’ (...); e propõe uma estratégia de mudança de perspectiva para negociar a proliferação de teorias produzidas por mulheres diversamente situadas (CARVALHO, 2012, p.6).

Ribeiro, O’Dwyer e Heilborn (2018) apontam que é de entendimento geral que o momento atual do feminismo radicaliza um processo de desconstrução, questionando a noção de identidade e afirmando a diversidade e a possibilidade de sujeitos que não se conformam ao binarismo de gênero.

Inclusive, quando tratado esse aspecto, Luz (2012) afirma que o surgimento do termo gênero se deu nos Estados Unidos a partir da terceira onda feminista, tendo sido importado para o Brasil, na década de 1980, através de trabalhos de pesquisadoras norte-americanas deste movimento, como Joan Scott. Assim, ainda de acordo com Luz (2012), o conceito de gênero foi criado por compreender as desigualdades existentes entre homens e mulheres como sendo produtos de construções sociais que foram naturalizadas e reproduzidas ao longo do tempo, e que precisavam, então, ser entendidas para que fossem desnaturalizadas.

Corroborando com este pensamento, Mota (2018) aponta que esta onda não deve ser entendida como uma ocasião homogênea e dada, como era feito nos dois movimentos anteriores. A autora faz essa reflexão por afirmar que as prioridades desta terceira onda são muito mais complexas, compreendendo um novo período



RELICI

140

histórico, social e político, e buscando o entendimento de que há prioridades diferentes da pauta feminista de acordo com os lugares que ocupam.

Apesar da proposta central se referir às relações de gênero, discute-se também, neste momento do movimento feminista, a singularidade de mulheres no mundo capitalista, o falocentrismo, racismo e LGBTfobia (AZERÊDO, 2007; COELHO, 2016). Assim, as questões feministas passam a ser em torno da perspectiva plural, compreendendo mulheres brancas, negras, domésticas, índias, ricas, pobres, donas de casa, empreendedoras, empresárias, artistas, lésbicas, bissexuais, transexuais, entre diversas outras, que por serem diferentes e iguais sofrem opressões (COELHO, 2016).

Para além desta constatação referente à terceira onda, Ribeiro, O'Dwyer e Heilborn (2018) apontam que há uma nova onda em formação, a chamada “quarta onda” feminista, apresentada em dezembro de 2016 no dossiê da revista Cult como sendo uma revolução feminista, negra, jovem, vadia, queer (RIBEIRO; O'DWYER; HEILBORN, 2018). Essa nova onda surge a partir da expansão e massificação das tecnologias comunicacionais, tendo o surgimento das mídias sociais digitais – blogs, redes sociais virtuais, etc. – importante papel na corporificação e personificação em substituição à identificação, o que alguns denominam de ciberfeminismo (COELHO, 2016).

Essa relação entre o feminismo e a tecnologia, a popularização da internet, fez ampliar o acesso e popularizar os discursos estéticos, políticos e de resignificado dos símbolos ligados à feminilidade, consolidando redes de contatos que se constituíram como organizações políticas e grupos feministas (FERREIRA, 2015).

Pedro (2017) aponta que esta quarta onda se caracteriza pelas mulheres conectadas pela internet e pela popularização e democratização do feminismo, que tem, hoje, aceitação e defesa não só por parte das mulheres, mas, também, de muitos homens. Ainda conforme esta autora, este novo momento do feminismo traz



RELICI

consigo uma visão de sororidade, isto é, prega “que as mulheres se tratem como uma irmandade e todas se ajudem quando observar que alguma mulher pode estar em risco” (PEDRO, 2017, p.5). Dessa forma, esta quarta onda parece ser um momento de ampliação do movimento, uma vez que amplia o olhar para as diversas questões acerca do universo feminino, e dando acesso global a elas, a partir da internet por meio das mídias e redes sociais virtuais.

Maciel e Silva Neto (2018), inclusive, afirmam que esta quarta onda é um movimento totalmente latino-americano, apontando a importância de reconhecer a luta de mulheres fora do eixo europeu.

PERCURSO METODOLÓGICO

O presente artigo constitui-se de uma análise básica de conteúdo de documentários. Penafria (2009, p.1) ressalta que “analisar um filme é sinônimo de decompor esse filme”, corroborando com a metodologia apontada por Aumont e Marie (1999) que afirma que a análise de um filme comumente implica de duas etapas importantes, sendo a primeira uma decomposição do mesmo, descrevendo-o, e a segunda uma compreensão das relações que a produção cinematográfica apresenta com outros elementos, ou seja, uma interpretação do conteúdo apresentado. Dessa forma, o objetivo da análise de filmes e documentários – sejam eles acadêmicos ou não – é o de explicar e/ou esclarecer o filme a partir de interpretações com determinados elementos previamente estabelecidos (PENAFRIA, 2009). Assim, o presente trabalho se propõe a analisar dois documentários, “*Embrace*” e “*Miss Representation*”, a partir da ótica feminista, focando a forma como eles apresentam questões do movimento.



RELICI

ANÁLISE DOS DOCUMENTÁRIOS

Neste capítulo serão apresentadas as análises descritivas do conteúdo observado em cada um dos documentários selecionados.

“Embrace”

O documentário “Embrace” reflete com clareza o pensamento abordado nas terceira e quarta ondas do movimento feminista, uma vez que, durante mais de uma hora de duração, rebate a ideia de que haja apenas um tipo ou padrão ideal de beleza feminina – que seria a mulher loira, magra, alta, de olhos azuis e pele tão macia e sedosa que mais parece uma pele de boneca de plástico. Tanto é que fica evidente que as mulheres das capas de revistas e outdoors, na verdade, não existem, pois a perfeição que é vendida nesses ambientes não se encontra nem na modelo utilizada para a propagação da marca, uma vez que toda a “beleza ideal” é criada em programas de edição de fotos no computador.

Assim, ao pregar a valorização da diversidade e, principalmente, da pluralidade dos tipos de corpos femininos que existem, e reforçar a beleza que cada um apresenta, o documentário assume a mesma ideologia dos discursos apresentados no movimento da terceira onda feminista, inclusive quando critica o modelo “universal” feminino já citado.

Outro ponto forte a ser destacado é, quando analisado o documentário, a força e a importância comunicativa da internet e das redes sociais virtuais, como grandes potencializadores do discurso de aceitação do próprio corpo, suas curvas e imperfeições, a partir da facilidade de disseminação e compartilhamento que essas ferramentas possibilitam. No caso do documentário, de modo muito específico. O discurso de empoderamento feminino “viraliza” na internet quando a protagonista, fugindo do padrão de postagem de “antes e depois”, em que as pessoas postam fotos gordas no antes e magras no depois, decide postar o antes e depois



RELICI

143

apontando que o “antes” relacionava-se com o corpo musculoso e definido, e o “depois” com o corpo acima do peso.

Faz-se necessário ressaltar que essa utilização massiva das redes sociais virtuais para expandir a luta por igualdade e popularizar os discursos de autoaceitação e autovalorização, é uma representação bastante clara do que os autores apontam como o quarto grande momento do movimento feminista, a “quarta onda”.

“Miss Representation”

O documentário *“Miss Representation”* aborda assuntos como: o ideal de beleza feminino; a objetificação da mulher; a relação de poder entre os gêneros, entre outros.

Logo de início, o filme ilustra como as mulheres são constantemente incentivadas a seguirem um ideal de beleza imposto pela mídia. Trazendo exemplos que relatam a luta das mulheres contra a balança, contra os cachos e contra tudo o que não se encaixa no suposto padrão imposto pela sociedade, o documentário exemplifica a constante busca feminina pela perfeição.

Em seguida, a pauta se volta para a representatividade feminina na política e questiona por que as mulheres não são incentivadas a ocupar cargos públicos. Um dos adolescentes entrevistados no documentário chega a esboçar uma explicação para haver um menor número de mulheres na política: “Homens votam em homens e mulheres votam em homens”.

Neste ponto, um novo questionamento é gerado e o fato de mulheres poderosas serem ameaçadoras para os homens vem à tona. Para exemplificar, o documentário traz a história de uma mulher que não colocava o seu diploma de MBA em seu currículo para não parecer ameaçadora a seu empregador.



RELICI

Outra questão levantada, dessa vez ligada ao padrão de mulher ideal criada pela mídia, é o estereótipo das mulheres retratadas em filmes de Hollywood. Segundo o documentário, filmes que dizem que “a culpa é minha por estar sozinha no dia dos namorados” reiteram o pressuposto de que uma mulher de sucesso deve buscar um companheiro, logo se ela estiver sozinha no dia dos namorados, ela não será completa. Assim, esse tipo de estereótipo Hollywoodiano cultiva a insegurança feminina.

Além disso, o documentário comenta que os estereótipos de Hollywood também agem criando fetiches ao sexualizar o comportamento “durão” das super-heroínas; e criando a crença de que mulheres são inimigas naturais, ao enfatizar escândalos em reality shows, por exemplo.

Também é abordada a questão da objetificação das âncoras de jornais. Estas devem ser extremamente femininas e usar roupas mais sensuais. Afinal, sua beleza é o que mais importa para a mídia.

Por fim, o documentário aborda o assunto mercado de trabalho. Trazendo o exemplo do da mídia, os dados são alarmantes. 97% das histórias contadas são pela perspectiva masculina. Assim, todos são incentivados a ver o mundo pela lente dos homens e acabamos deixando de lado o ponto de vista feminino.

CONCLUSÃO

A análise dos documentários apresenta uma discussão acerca de como o movimento feminista, especialmente as terceira e quarta ondas, vem se modificando de modo a tornar-se mais inclusivo no que diz respeito ao “ser mulher”.

Assim, tais conteúdos, apesar de terem um cunho mais informativo e direcional – uma vez que se tratam de documentários – sabem lidar com a realidade do universo feminista atual de modo claro e de forma didática, destacando os aspectos da luta contra a objetificação e sexualização do corpo feminino, e trazendo



RELICI

145

à discussão a inclusão, no “ser feminino”, de corpos, gêneros, raças e demais características pessoais que, antes, pareciam não ter representatividade dentro do movimento.

É preciso compreender que o movimento feminista não é uma luta contra os homens, mas sim, uma luta a favor da igualdade de direitos, inclusão da figura feminina nos diversos cenários e ambientes sociais, e a busca por erradicação do feminicídio (assassinato de mulheres por motivação de gênero).

Dito isto, sugere-se que novos estudos sejam realizados abordando este tema, de modo a complementar a literatura acadêmica e discutir, ainda mais, para o progresso do movimento na sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira, PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo?**. São Paulo: Ed. Abril cultural; Brasiliense, 1985.

AMARAL, Ana Luisa; MACEDO, Ana Gabriel (Org.). **Feminismo/feminismo**. In: Dicionário da crítica feminista. Porto: Afrontamento, 2005.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **L'Analyse des Films**. Nathan, 2ª Edição, 1999.

AZERÊDO, S. **Preconceito contra a “mulher”**: Diferença, poemas e corpos. São Paulo: Cortez. 2007.

CARVALHO, M. E. P. de. **Oficina Epistemológica Feminista**: notas. Anais do 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher e Relações de Gênero. João Pessoa: NIPAM/UFPB, 2012.

COELHO, Mayara Pacheco. **Vozes que ecoam**: Feminismo e Mídias Sociais. Pesquisas e Práticas Psicossociais, v.11, n.1, São João del Rei, Janeiro a Junho, 2016.

FERREIRA, C. B. C. **Feminismo Web**: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. CadernosPagu, v.44, p.199-228, 2015.



RELICI

146

GAMBLE, Sarah. **The Icor critical dictionary of the feminism and postfeminism**. Cambridge: Icor Books, 1999.

GANDHI, Anuradha. **Sobre as correntes filosóficas dentro do movimento feminista**. 7 de março de 2016. Disponível em:

<https://issuu.com/uniaoreconstrucaocomunista/docs/anuradhagandhi>.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ, Vozes, p.14-36, 1997.

KROLOKKE, Charlotte; SORENSEN, Anne Scott. **Three Waves of Feminism: From Suffragettes to Girls**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, cap.1, p. 01-24, 2006.

LUZ, Luciane da. **Mulheres e EAD: uma análise de gênero sobre o perfil dos(as) acadêmicos(as) na educação a distância no Brasil**. *Maiêutica – Curso de Serviço Social*, v.01, n.01, jul./dez. 2012.

MACIEL, Thaynná Soares; SILVA NETO, Antonio Carlos Batista. **Resistência das mulheres latino-americanas: Ni una menos**. *Anais do XIII CONAGES*, João Pessoa, 2018.

MACHADO, Lia Zanotta. **Feminismos brasileiros nas relações com o Estado: Contextos e incertezas**. *Cadernos Pagu*, v. 47, 2016.

MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. **A política do feminismo**. In: MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e Política*. São Paulo: Editora Boitempo, 2014.

MOTA, Keli Rocha Silva. **Feminismo Contemporâneo: Como ativistas de São Paulo compreendem uma terceira onda do movimento no país**. *Extraprensa*, São Paulo, 2018.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Metodologias Feministas e Estudos de Gênero: Articulando pesquisa, clínica e política**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006

NOGUEIRA, C. **Construcionismo social, discurso e gênero**. *Psicologia*, v.15, p.43-65, 2001.



RELICI

147

PEDRO, Adriana Moreira. **A construção do discurso de Youtubers sobre as mulheres.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11. Anais Eletrônicos. Florianópolis, 2017.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes** – conceitos e metodologia(s). Anais do VI Congresso SOPCOM, Portugal, 2009.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder.** Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010

RIBEIRO, Letícia; O'DWYER, Brena; HEILBORN, Maria Luiza. **Dilemas do feminismo e a possibilidade de radicalização da democracia em meio às diferenças:** o caso da Marcha das Vadias do Rio de Janeiro. Dossiê: Gênero e Sexualidade, Revista Civitas, Porto Alegre, v.18, n.1, p.83-99, jan./abr., 2018.

RODRIGUES, Valeria Leoni; COSTA, FlamarionLaba da. **A Importância da Mulher.** 2010. Disponível em:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero.** Cadernos Pagu, v.16, p. 115-136, 2001.

STIVAL, Mariane Morato; MARTINS, Nayla L. de Sá. **O que é Feminismo?** O progresso histórico dos movimentos feministas e a conquista de direitos pelas mulheres. Revista Jurídica, v.15, n.1, Anápolis/GO, Janeiro-Junho, 2016.

TONG, Rosemarie. **Feminist Thought.** 3rd.ed. Charlotte: Westview, 2009.

TORRES, Isabela Silva; FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. **Femvertising:** O feminismo como ação de comunicação nas organizações. IN: Anais do VI Simpósio de Trabalhos Científicos das Faculdades Integradas Rio Branco. 2016.